



Congresso Internacional de Pastoral Juvenil (Roma, 22-25 de maio de 2024)

CONCLUSÃO

Gleison de Paula Souza
Secretário do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Transmito as saudações e agradecimentos do nosso prefeito, o Cardeal Kevin Farrell, e agradeço a todos os oradores, mas sobretudo aos participantes do Congresso, porque a sua escuta, a partilha nos grupos, o trabalho de reflexão comum, as propostas apresentadas nas reuniões plenárias, tudo isso foi muito importante.

Na verdade, não pretendíamos realizar um congresso acadêmico, mas sim fazer uma reflexão comum e um discernimento sobre como continuar o caminho junto aos jovens e ao serviço dos jovens.

Retornamos com a memória dos dias de graça vividos na JMJ de Lisboa; dos vossos questionários emergiram os frutos mais evidentes que notaram entre os jovens:

- Terem uma experiência de Deus;
- Viverem, talvez pela primeira vez, uma experiência forte de pertença à comunidade cristã (a Igreja), vivida no grupo concreto de jovens com os quais realizaram a peregrinação e em comunhão com todos os outros jovens;
- A JMJ levou muitos jovens a pedirem os sacramentos da Iniciação Cristã;
- Para alguns, a JMJ significou a descoberta da vocação (ou pelo menos pensar em iniciar um caminho de discernimento vocacional);
- Um fruto da JMJ é também o desejo de se comprometerem na Igreja: num grupo de jovens, na paróquia, em várias formas de serviço.

O Cardeal D. Américo Aguiar e os seus colaboradores partilharam conosco os desafios da preparação e o longo processo de reflexão sobre os temas, as novas modalidades a introduzir, como foi o caso, por exemplo, das catequeses, e a logística que levou à realização da JMJ. Aprendemos com eles e coletamos feedback sobre as coisas que sempre precisam ser melhoradas para as próximas edições.

Quero agradecer aos organizadores da JMJ de Seul: S. Ex.^ª Mons. Peter Chung Soon-Taek, S. Ex.^ª Mons. Paul Lee Kyung-Sang, os seus colaboradores e o Embaixador da Coreia junto da Santa Sé, S. Ex.^ª a Sra. Oh Hyun-Joo: todos eles nos transportaram para um novo contexto, a Ásia, e começaram a introduzir-nos na fascinante história e cultura da Coreia e numa Igreja que é corajosa (herança dos

mártires) e, principalmente, jovem, tanto pela história (pouco mais de 200 anos de vida), como pelo dinamismo, como também pela presença de muitos jovens.

Percebemos que já estão projetados com todo o coração e mente para 2027 (ainda que faltem 3 anos!) e já nos “contagiaram” com o seu grande entusiasmo: isto é importante porque também nós devemos “contagiar” os nossos jovens com este entusiasmo e motivá-los a viajar até à Coreia.

Nos dias do nosso Congresso, falamos sobre a pastoral ordinária. Ficou clara a importância de pensar na continuidade entre uma JMJ e outra: dar “peso” também à pastoral da “vida quotidiana” e continuar a caminhar juntos com os jovens para não deixar “lacunas” após uma experiência tão forte como a JMJ. Portanto, é importante continuar a refletir sobre o que se pode fazer e como, por exemplo:

- Pensar em ciclos de catequeses sobre temas que dizem respeito mais diretamente à vida dos jovens (emoções, afetividade, insegurança, aceitação de si, relações com os outros, a vida futura, vocação, família, e obviamente tratar todos esses temas à luz das respostas que vêm da fé), ou inspirando-se nas mensagens do Papa aos jovens;
- Valorizar as JMJ diocesanas;
- Tornar os participantes das JMJ animadores e missionários junto de outros jovens.

Sua Excelência Mons. Rino Fisichella, pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, procurou orientar o trabalho com os jovens na preparação para o Jubileu dentro do grande tema da esperança: não as “pequenas esperanças” (materiais, imediatas, que acabam depressa), mas a “grande esperança” que nos vem de Jesus Cristo e que é Jesus Cristo. A esperança, lembrou-nos, é a “vida eterna”, ou seja, a vida em plenitude que nos é dada a partir do Batismo e que não diz respeito apenas à vida futura, após a morte, mas já começa agora: é o início de uma vida plena, que já participa da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, e que, por isso, nos afasta da desesperança, da tristeza, da falta de sentido, das escravidões existenciais, dos medos. É disso que os jovens precisam!

Agradecemos à Dra. Sandra Chaoul por explicar-nos melhor a natureza e o método da conversação no Espírito. É um método que tentamos aplicar neste Congresso. Não é simples. É preciso formar as pessoas e formar-se a si mesmo para bem o viver. Estamos habituados a outros métodos:

- Debate: cada um expõe as suas ideias e replica às dos outros.
- Votação parlamentar: há várias propostas em pauta e vota-se para ver o que decide a maioria.

Isto não é a conversação espiritual! Individualmente, procuramos no discernimento conhecer qual é a vontade de Deus para a nossa vida (estado de vida a abraçar ou uma decisão a tomar). A mesma coisa se faz na conversação no Espírito, só que se faz juntos! Ou seja, a nível comunitário.

O que se faz com a conversação no Espírito não é um acumular de ideias ou uma exposição de opiniões (como no debate) ou tentar chegar a um consenso maioritário sobre uma decisão a tomar (como na votação parlamentar), mas é discernir a vontade de Deus para nós, ouvindo o que o Espírito sugere à comunidade, à Igreja.

Aprenda a praticar este método cada vez melhor! Pratiquem-no também nos seus grupos! Tentem também o ensinar aos jovens!

O Rev. Prof. Gustavo Cavagnari, sdb, indicou dois grandes desafios para a pastoral com os jovens, que dizem respeito especificamente à situação que vivem no momento presente (que já mudou desde o Sínodo dos jovens e a publicação, em 2019, da *Christus Vivit*):

1. Abordar o desconforto psicoemocional que já existia anteriormente, mas que se amplificou muito entre os jovens como resultado da pandemia;
2. Abordar a desfiliação dos jovens da Igreja.

O Pe. Cavagnari sugeriu quatro possibilidades:

1. Focar mais na pastoral do anúncio explícito de Cristo aos jovens, sem se limitar a temas que outros também podem propor-lhes: o respeito pelo próximo, a solidariedade, o meio ambiente, etc. (os jovens ouvem falar sobre isso na escola, na sociedade, em todos os lugares).
2. Qualificar os caminhos de espiritualidade juvenil: oferecer experiências espirituais reais, porque, caso contrário, os jovens vão procurá-las em outro lugar!
3. Propor experiências de fraternidade: os jovens precisam de uma iniciação à vida cristã, mas através da dimensão comunitária, essencial no cristianismo.
4. Orientar a busca de sentido (muito presente nos jovens) em chave cristã: como a fé responde às questões fundamentais da vida?

O Rev. Pe. Christopher Ryan, falando sobre *liderança juvenil sinodal e missionária*, destacou os dois momentos fundamentais na pastoral juvenil:

- Outreach, ou alcance (o primeiro encontro): o verdadeiro momento missionário para com cada jovem que precisa fazer o seu “primeiro encontro” com o amor de Cristo; um encontro que relativiza todo o resto (como diz São Paulo: “Agora considero tudo lixo em comparação com a sublimidade do conhecimento de Cristo”, cf. Filipenses) e, ao mesmo tempo, dá sentido a todas as outras coisas na vida.

Três elementos são importantes:

1. importância do testemunho alegre de outros jovens;
 2. aproximar os jovens com a “gramática do amor”;
 3. a centralidade do querigma.
- Crescimento: é o momento que se segue ao primeiro encontro, é a formação contínua e aprofundada para a vida cristã. Três aspectos importantes:
 1. Consolidar o encontro;
 2. Conectar sempre a catequese ao querigma original (que sempre tem um caráter de dom, de anúncio, de alegria, de uma graça que se comunica);
 3. Formação que inclui sempre: solidariedade, serviço e proximidade aos pobres (que não fique só na teoria).

Todo este trabalho pastoral com os jovens deve ter uma natureza sinodal, ou seja, baseado na participação de todos: de vários agentes pastorais, dos próprios jovens, etc.

A participação sinodal é a forma concreta de viver a comunhão, e a sinodalidade deve estar sempre a serviço da missão.

Brenda Noriega falou-nos sobre *a formação e o acompanhamento espiritual de jovens líderes*. A formação de jovens líderes não consiste em transmitir “noções pastorais”, mas em incutir um profundo senso de missão: é criar apóstolos, não professores!

Em particular, o estilo “sinodal” que vimos emergir nos últimos anos (com a consulta pré-sinodal, o Sínodo, a *Christus Vivit*) vai muito além do estereótipo do “natural born leader” (o líder nato: seguro de si, empreendedor, energético, carismático, etc.). Basta pensar em algumas características do acompanhamento espiritual que a *Christus Vivit* elenca: o acompanhador que manifesta uma proximidade “materna”, a disponibilidade para acolhimento e escuta, e a capacidade de ser “popular”, ou seja, não elitista, mas capaz de fazer com que todos se sintam parte do povo de Deus. Tudo isso está muito longe da imagem do líder carismático que arrasta multidões!

O estilo “sinodal” de acompanhamento espiritual também vai além do modelo puramente individualista (não concentra tudo numa só pessoa). Com efeito, o sujeito primário do acompanhamento é a comunidade cristã como um todo, uma comunidade capaz de transmitir aos jovens o autêntico anúncio do Evangelho, evitando os dois extremos das “propostas minimalistas” por um lado e, pelo outro, o excesso de regras moralistas.

O modelo de acompanhamento espiritual que tem surgido nos últimos anos é o da “amizade espiritual”, fundamentada na certeza da presença divina numa relação de amizade baseada na fé e na partilha dos dons da graça: Deus opera nessa relação (como mostra a história de amizade espiritual em tantos santos!)

As tecnologias digitais na pastoral juvenil foram o objeto da palestra do Pe. Franco Galdino, coordenador do Setor Jovem do nosso Dicastério.

Ele considera o mundo digital como uma “terra de missão”: ou seja, um lugar onde se deve estar próximo, criar proximidade com os numerosos jovens que habitam essa “terra”, muitos dos quais estão distantes da Igreja e de qualquer tipo de fé.

Como toda “terra de missão”, o mundo digital também é um lugar cheio de armadilhas, mas isso não significa que devemos fugir dele!

A missão digital não deve ser entendida como uma “substituta” da pastoral ordinária, mas como uma integração. O modelo que se pode pensar é o dos “primeiros socorros” (remetendo-se à imagem da Igreja como “hospital de campanha” do Papa Francisco). Isso significa que no mundo digital ocorre o primeiro contato com os jovens. Lá se conhecem as perguntas e problemas deles, entra-se em sintonia com eles, se possível, faz-se também um primeiro anúncio que cria uma esperança, que dá o vislumbre de uma luz. Depois, uma vez estabelecido esse contato com esses jovens, habitantes do mundo digital, são acompanhados passo a passo para terem uma experiência de Igreja, para viver “presencialmente” a realidade da comunidade cristã.

Portanto, não se deve entender o mundo digital como um lugar “definitivo”, mas como um lugar de “transição”, ou seja, um lugar de conhecimento, de um primeiro testemunho alegre, de um primeiro querigma, de uma primeira escuta dos jovens que os ajude a inserir-se na vida “real” (não digital) da Igreja, aquela onde se vive a realidade da Encarnação (Deus entrou no nosso mundo material) e que é feita de sacramentos, de celebrações, de laços fraternos, de escuta comunitária da Palavra, de serviço, de “sujar as mãos” com os outros.

Em conclusão

Agradeço à Ir. Nathalie Becquart, Subsecretária do Sínodo dos Bispos, por nos enriquecer com a sua presença e por nos ajudar a entender como trilhar o caminho da sinodalidade.

Em nome de todo o Dicastério, agradeço novamente a todos vocês: com este Congresso, pretendemos continuar a jornada da Igreja com os jovens, os jovens concretos do nosso tempo (como nos lembrou o Prefeito no início), não os de 10, 20 ou 30 anos atrás, ou os que só existem na nossa imaginação!

O encontro com o Santo Padre e as palavras que nos dirigiu esta manhã são um incentivo para a nossa caminhada. Levemos no coração as suas palavras quando regressarmos às nossas casas.

Nós, como Dicastério da Santa Sé responsável pelos jovens, estamos bem conscientes de que vocês (mais do que nós!) estão na “linha da frente” no trabalho com os jovens: nas dioceses, nas paróquias, nos movimentos... E por isso encontram todos os dias as dificuldades reais da vida: as crises de tantos jovens, os seus problemas e as suas resistências.

Sabemos que há vários desafios e dificuldades no nosso serviço, mas gostaríamos de exortá-los a nunca desanimar: na Igreja, não seguimos o critério da eficiência, do sucesso externo, da busca pelo consenso custe o que custar. Seguimos, antes, o exemplo de Jesus e a sua Palavra: ele também começou com poucas pessoas, com 12, depois 72, e depois outras. E mesmo ele viveu muitas decepções. Mas Jesus deixou-nos a imagem do grão de mostarda: tudo o que se faz para o seu Reino (e, portanto, também na pastoral juvenil!) começa com algo muito pequeno, que quase não se vê, e que, ainda assim, se torna uma grande árvore que “dá abrigo a todas as aves do céu”, segundo a parábola. Essas aves do céu à procura de abrigo são os muitos jovens que estão à procura de uma identidade, de um sentido na vida, de um lugar no mundo, de um caminho seguro para percorrer que os leve à felicidade. Estão à procura de um amor que não decepciona, de uma verdade que nunca sai de moda. Tudo isto podem encontrar em Jesus e na Igreja! E podem encontrá-lo graças a vocês! Vocês que, para estes jovens, se tornaram samaritanos que cuidaram das suas feridas, irmãos que os acolheram, amigos que os escutaram, pais e mães que os educaram e formaram.

No final deste Congresso, quero agradecer a todos os que colaboraram para o sucesso do evento (os funcionários do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, os voluntários, as intérpretes, o pessoal da Casa que nos acolheu e o coro que animou todos os nossos momentos litúrgicos).

Que o Senhor os acompanhe e sustente sempre nesta belíssima missão!